

– FERNÃO, MENTES? – SINTO!

ECOS D' "A PEREGRINAÇÃO" NA VIAGEM COMO APRENDIZAGEM EM RICHARD ZIMLER

HELENA ANACLETO-MATIAS

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto

Os relatos fantásticos d' "A Peregrinação" na Ásia formaram uma escola de pensamento filosófico no imaginário europeu e, por extensão, no norte-americano.

A partir de um relato de viagem, Fernão Mendes Pinto conseguiu acordar as consciências para novos saberes, novas nomenclaturas, novas mundividências. De que forma é que "A Peregrinação" se pode ver como responsável pelo conceito da errância na diáspora dos dias de hoje? Quais os contornos que a viagem como aprendizagem tomou com o contributo de Fernão Mendes Pinto? De que forma algumas escolas literárias foram influenciadas pelas características d' "A Peregrinação"? Em particular, qual a influência de Fernão Mendes Pinto na obra "Unholy Ghosts" de Richard Zimler?

Através da análise desta obra do autor norte-americano com passaporte português, procurar-se-á trazer um contributo para os conceitos da Viagem como aprendizagem individual e coletiva e de como esse conceito se reflete na obra "Unholy Ghosts".

1. A Viagem como tema

Quando a Literatura Comparada emancipou a Literatura de Viagens como sub-género literárioⁱ, concedeu à Viagem um estatuto de objeto de estudo de importância assinalável. Especialmente no âmbito dos Estudos Pós-Colonialistas, a Literatura de Viagens tem desenvolvido cada vez mais o interesse de estudiosos na perspetiva de análise da relação do Eu com o Outro, em que há, infelizmente, a tendência para o Europeísmo no que toca ao ponto de vista do Sujeito que estuda. Na realidade, os Estudos Pós-Colonialistas vieram focar-se nos povos ex-colonizados nos locais onde dantes se via apenas o Outro como diferente do Europeu colonizador. A tendência para o etnocentrismo europeu é, portanto, relegada para segundo plano, havendo um deslocamento de perspetiva: as comunidades africanas, do Extremo Oriente, das Américas e da Austrália ganham um novo interesse para os antropólogos, sociólogos, linguistas e, obviamente também para os estudiosos da Literatura, enquanto Sujeitos que já não são o Outro, mas sim um Eu, com valor autónomo. Homi Bhabha atacou a produção da civilização Ocidental que defende as oposições binárias. Em *The Location of Culture*, (2004), Bhabha defendeu que essas relações binárias incluem o centro/margem, o civilizado/selvagem, e o esclarecido/ignorante. No dizer de Homi Bhabha, estas relações binárias são prejudicadas pelo facto de os primeiros pretenderem dominar os segundos termos dos pares binários. Além disso, para Bhabha a noção de "hibridismo cultural"ⁱⁱ propõe o conceito das relações interculturais serem interativas, pelo que se influenciam em várias direções e não só binariamente.

O tema da viagem está no imaginário cultural de qualquer ser comum pelo menos na civilização ocidental: quando os estudantes terminam os seus cursos, confraternizam numa viagem de finalistas, que marca o ritual de passagem do estatuto de estudante para o de profissional, na idade adulta; também a viagem de lua de mel, que muitos casais recentes empreendem juntos, marca o ritual do estado de solteiro, viúvo ou divorciado para casado ou unido de facto;

Nas culturas chamadas do Novo Mundo, nomeadamente nos Estados Unidos da América do Norte, a viagem adquire uma simbologia evocativa própria: foi a partir de uma longa viagem por mar que os primeiros colonos europeus se deslocaram para os territórios americanos; foi também através de uma viagem, aliás involuntária e desumana que muitos homens africanos se viram obrigadas a emigrar para os EUA, sob a condição de escravos dos colonizadores brancos.

Mas a viagem enquanto fomentadora de progresso surgiu na simbologia da noção do conceito de "Go West". Tendo em conta que a colonização europeia dos territórios dos Nativos-Americanos, vulgo Índios, começou pela costa Leste da América por ser a mais próxima do mar, aquela foi-se expandindo em direção ao interior continental, no sentido de ir para o Oeste. Nasceu a noção da conquista do novo território, que foi, horrivelmente, aniquilando os povos autóctones à sua passagem. A descoberta e a colonização dos planaltos e planícies do interior dos estados da União até chegar à fronteira com o Oceano Pacífico tornaram-se uma experiência de vida, aliás mitificada como sendo muito boa pelo imaginário cinematográfico de Hollywood.

O objetivo era sempre ir na direção do ocidente na conquista de território até à Califórnia. A construção dos caminhos de ferro e a descoberta da existência de ouro nos rios e minas californianos atraiu outro tipo de imigração, a chinesa, no séc. XIX, para o Novo Mundo. O chamado "Gold Rush" atraiu muitos milhares de imigrantes nos EUA.

Mas também já no séc. XX, a tendência para ir para o Ocidente nos Estados Unidos foi um princípio que moveu alguns intelectuais, nomeadamente pintores e escultores, bem como poetas e romancistas norte-americanos. Referimo-nos nesta instância às décadas de 50 e 60 e à "Beat Generation". Alguns dos principais nomes da "Beat Generation" eram, na poesia, Allen Ginsberg, com "Howl" (1956) e, no romance, Jack Kerouac com "On the Road" (1957). Este romance influenciou a juventude dos anos 60, que punham uma mochila às costas e partiam à descoberta do mundo. Os princípios pelos quais se regiam filosoficamente os membros da Geração Beat eram sexo livre, drogas e música. "On the Road" retrata a viagem de dois jovens – Sal Paradise e Dean Moriarty – que atravessaram os Estados Unidos de costa a costa. Acredita-se que Sal Paradise, o personagem principal, seja o próprio Jack Kerouac. Também são encontrados no livro alguns escritores na forma de personagens, como Allen Ginsberg, como Carlo Marx, e William Burroughs,

como Old Bull Lee. Este livro influenciou a música, desde o rock ao pop, os movimentos hippies e, mais tarde, até o movimento punk.ⁱⁱⁱ

Quanto à noção da viagem como rito de passagem, no dizer de William Almeida de Carvalho em “O Rito de Iniciação: uma Abordagem”, há diversos ritos que podem ser estudados,

“tais como: da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, da gravidez e parto, do nascimento, da infância, da puberdade, da iniciação (...), da ordenação, do noivado, do casamento, dos funerais, das estações, etc.(...) o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem), e pós-liminares (agregação) (...) Nas nossas sociedades modernas só há separação um pouco nítida entre a sociedade leiga e a sociedade religiosa, entre o profano e o sagrado... Entre o mundo profano e o sagrado há incompatibilidade, a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estágio intermediário(...) esta passagem é acompanhada por atos especiais que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios a aprendizagem.”^{iv}

Apesar de haver a ideia, errônea, aliás, de a Idade Média ter sido uma era fechada, sem viagens, havia os Monges peregrinos que andavam de Mosteiro em Mosteiro. Segundo Ana Paula P. Dias, da Universidade do Minho,

“Com essas viagens, surgem relatos que podem ser agrupados em três grandes grupos de textos, nos quais é possível identificar os motivos principais do respectivo imaginário: o dos mareantes, mercadores e populações urbanas (de que o *Livro de Nicolau Venetto* ou o *Livro de Marco Polo* são exemplo), o dos nobres e o dos clérigos e dos letrados. Estas narrativas de viagem medievais distribuem-se, pois, por diferentes quadrantes e encontram-se ligadas a diferentes motivações mas, no geral, são um terreno de exploração difícil, suscitando problemas no que se refere às suas origens, variantes, recepção, transformação e mesmo significação. No entanto, todas parecem implicar verdadeiros códigos de conduta, explicitando modelos de comportamento e construindo paradigmas de virtude, cristalizados nos seus heróis.

Em termos do imaginário clerical, é possível encontrar uma literatura hagiográfica constituída por relatos de vidas de santos e de peregrinações. Estas últimas, como prática cultural que se sobrepunha à vida terrestre, exprimiam a inutilidade deste mundo, constituindo-se como uma procura e uma demanda.”^v

Quanto às viagens das Descobertas do século XV, nomeadamente da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, D. João II não chegou a ver concretizado o seu projeto de atingir a Índia por mar. Foi no reinado do seu sucessor, D. Manuel, que esse objetivo foi atingido.

Em Julho de 1497 partiu de Lisboa uma armada comandada por Vasco da Gama. Após uma escala em Cabo Verde, que já era normal nestas viagens, a armada afastou-se da costa ocidental africana, aproveitando ventos e correntes favoráveis. Em 1498, depois de dez meses de viagem, os navios atingiram *Calecute*, na Índia. Estava, assim, concluída a ligação marítima entre os continentes europeu e asiático.^{vi}

Quanto a “Unholy Ghosts,” o tema da viagem é central. A sinopse poderia ser apontada da seguinte forma: um rapaz portador do vírus VIH descobre que está infetado. Impõe-se a consciencialização que a vida dele terá, necessariamente, uma duração mais curta, pois, mais tarde, poderá vir a sofrer de sintomas de uma doença dita terminal.

O seu professor de música, que é o Narrador da história, quer acompanhá-lo nos momentos que se seguem à notícia de que é portador do VIH; além de anteriormente ter estado envolvido com António, o Narrador tem uma larga experiência de perda de contacto com entes queridos que morreram vitimados pela SIDA, a começar pelo seu irmão, Harold.

O Professor quer apoiar António em todos os sentidos: tolera a sua revolta e todos os maus-modos no período pós-traumático da consciencialização que vai ter uma morte prematura; luta com a noção de esperança que não quer que o seu aluno perca e é seu objetivo que António faça uma audição de guitarra clássica com um determinado professor, José María Landero, que trabalha no Conservatório de Paris.

Então, o Professor decide alugar um automóvel americano de grande porte, um Thunderbird, modelo de 1965, para empreender a viagem com António para a capital francesa, onde solicitará a tal audição no Conservatório.

O Professor escolhe um carro americano porque é originário do seu país, porque se parece com o automóvel do Batman e esse pormenor transporta-o para o seu sonho de infância, quando lia a banda-desenhada e via filmes de desenhos animados. O Professor olha para o futuro que pretende que seja promissor para o seu aluno e antigo namorado, mas com os olhos das próprias recordações da infância perdida, do estado de inocência e de uma década em que ainda não se falava no flagelo da SIDA.

Para encetar a viagem entre o Porto e Paris, diferentemente dos colonos americanos que iam para Oeste, o Narrador, António e o pai, Miguel, que insiste em acompanhá-los, vão para Leste, em direção ao Nascente, como que em busca de uma redenção e uma nova vida para António, com aulas de música com um professor que o Narrador considera melhor do que ele.

Por outro lado, o facto de irem para o Nascente prende-se não somente com o facto óbvio que Portugal se situa no extremo ocidental da Europa, mas, simbolicamente, com a tradição enraizada no espírito nacional, no imaginário coletivo português de o país “estar de costas voltadas para a Europa”, num período da pré-adesão à União Europeia, e com o estar “orgulhosamente só”. A personagem do Professor de guitarra, ao mesmo tempo um Narrador auto-diegético é um Norte-Americano fugido do Novo Mundo para o Velho Continente devido às memórias que o atormentam, os tais “Espíritos Profanos,” e quer recomeçar uma nova vida, refugiando-se também este, no Leste; daí que, simbolicamente, a nova vida redentora de António que o resgatará da morte certa e próxima terá de se dar a leste de Portugal.

Por outro lado ainda, Paris é um grande símbolo de referência cultural e oportunidades de carreiras artísticas muito maiores que no Porto, motivo pelo qual o Narrador quer levar António para França.

Daí que o tema da viagem permeie toda a obra de “unholy Ghosts”: a nível psicológico, o Narrador vê a ida de carro para Paris como uma lua-de-mel com António, que afinal é condenada ao fracasso, já que Miguel insiste em constituir um triângulo, paródia do tradicional triângulo amoroso, ao quase exigir acompanhá-los; é uma viagem de aventura e liberdade; é uma “viagem de

finalistas” já que António interrompe os estudos na fase final do ano académico, propondo o seu professor que se submeta aos exames finais na época de Setembro.

Assim, a viagem é como que um rito de passagem do seu estatuto como aluno no pequeno centro cultural que é o Conservatório de Música do Porto para o Conservatório de Paris, a “cidade-luz”; é um rito de passagem da idade da inocência, em que António pratica guitarra no seu quotidiano, para a idade da experiência, no dizer de William Blake, com as suas Canções de Inocência e de Experiência. Aí, António conquistará uma formação musical para ser concertista de guitarra clássica; é um rito de passagem da juventude pré-síndrome da imunodeficiência humana adquirida para a idade adulta, condenada a uma morte prematura eminente.

Em “A Peregrinação,” Fernão Mendes Pinto foi acusado de mentir nos seus relatos extraordinários do que viu no Oriente; a viagem em Richard Zimler adquire a dimensão do sentimento. Mendes Pinto abriu portas para a viagem; Zimler viajou com as suas três personagens também para o Oriente e, sobretudo, mostrou uma viagem dentro dos sentimentos daquelas.

¹ Especialmente a partir dos anos 90.

² In Rutherford, Jonathan.(1990). The Third Space. Interview with Homi Bhabha in Lawrence and Wishart (eds.). *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, p. 216, et allii.

3 In [http://pt.wikipedia.org/wiki/U.S. Route_66](http://pt.wikipedia.org/wiki/U.S._Route_66) (consulta 09/fev/2011)

4In http://pt.wikipedia.org/wiki/On_the_Road (consulta: 14/fev/2011)

5In <http://www.legendsofamerica.com/66-info.html> (09/fev/2011)

6 In www.thegoatblog.com.br/cadenafraternal/.../087_inicia_o_almeida.doc (consulta: 14/fev/2011)

7 In <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio40.htm> (consulta: 14/fev/2011)

8 http://www.iep.uminho.pt/aac/hsi/a2005/Descobrimentos/viagens_de_descoberta.htm (consulta: 14/fev/2011)

Videografia

<http://www.youtube.com/watch?v=j13OdLX0lew> (1 de 5 partes) (consulta 26/set/2010);

<http://www.youtube.com/watch?v=5knEZsr5y4c&feature=related> (2 de 5 partes) (consulta 26/set/2010);

<http://www.youtube.com/watch?v=pA-Ag7oVhqk> (3 de 5 partes) (consulta 26/set/2010);

<http://www.youtube.com/watch?v=X11IZGTYkk> (4 de 5 partes) (consulta 26/set/2010);

<http://www.youtube.com/watch?v=8Y8sgwaEW2Q> (5ª. e última parte) (consulta 26/set/2010).

<http://vimeo.com/2647142> (consulta 26/set/2010)

Webgrafia (por ordem cronológica da consulta)

http://www.google.pt/#hl=pt-PT&source=hp&biw=1276&bih=606&q=Fern%C3%A3o+Mendes+Pinto+-+A+Peregrina%C3%A7%C3%A3o&aq=f&aqi=&aql=&oq=&gs_rfai=&fp=636de7b2b72d9bc9
(consulta 26/set/2010)

http://www.google.pt/#q=Fern%C3%A3o+Mendes+Pinto+-+A+Peregrina%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-PT&biw=1276&bih=606&prmd=vno&source=univ&tbs=vid:1&tbo=u&ei=DUefTOWmFZWTjAeq092aDQ&sa=X&oi=video_result_group&ct=title&resnum=11&ved=0CE4QqwQwCg&fp=636de7b2b72d9bc9
(consulta 26/set/2010)

http://www.vidaslusofonas.pt/fernao_m_pinto.htm (consulta 26/set/2010)

https://lojas.ci.uc.pt/imprensa/product_info.php?products_id=341 (consulta 26/set/2010)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Fern%C3%A3o_Mendes_Pinto (consulta 26/set/2010)

<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=74&p=85&o=p> (consulta 26/set/2010)

http://biblioteca Joanina.uc.pt/obras_raras/perigrinacao (consulta 26/set/2010)

http://www.artmuseum.gov.mo/showcontent.asp?item_id=20051022010200&lc=2 (consulta 26/set/2010)

<http://carreiradaindia.net/seccao/peregrinacao-fernao-mendes-pinto/> (consulta 26/set/2010)

http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=5621 (consulta 26/set/2010)

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/fpinto.htm> (consulta 26/set/2010)

<http://www.rtp.pt/gdesport/?article=88&visual=3&topic=1> (consulta 26/set/2010)

<http://ocastendo.blogs.sapo.pt/428275.html> (consulta 26/set/2010)

http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/en/Homi_K._Bhabha (consulta 08/fev/2011);

http://pt.wikipedia.org/wiki/U.S._Route_66 (consulta 09/fev/2011)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Easy_Rider (consulta 09/fev/2011);

<http://www.legendsofamerica.com/66-info.html> (09/fev/2011)

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio40.htm> (consulta: 14/fev/2011)

http://www.iep.uminho.pt/aac/hsi/a2005/Descobrimientos/viagens_de_descoberta.htm

(consulta: 14/fev/2011)

http://pt.wikipedia.org/wiki/On_the_Road (consulta: 14/fev/2011)

Bibliografia

Bhabha, Homi. (2004). *The Location of Culture* New York: Routledge, (1st edition 1994);

Carvalho, William Almeida (1997) "O Rito de Iniciação: uma Abordagem Antropológica", in *Cadernos Antropológicos*. Brasil Ed.. Nr 6, pp 14-26;

Lima, Francisco Ferreira. (1994-95). "De Caminha a Mendes Pinto: Brasil, Extremo Oriente e Outras Maravilhas" in *Revista de Filología Románica*. Madrid: Univ. Complutense. Nr 11-12, pp. 81-96;

Rutherford, Jonathan.(1990). The Third Space. Interview with Homi Bhabha in Lawrence and Wishart (eds.). *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, pp. 207-221;